



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17514 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

PESQUISA COM CRIANÇAS PEQUENAS: NOTAS DOS PROCESSOS DE INTERAÇÃO ENTRE A PESQUISADORA E OS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

Rafaely Karolynne do Nascimento Campos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

## 1 Notas introdutórias

Desenvolver pesquisas com crianças apresenta um desafio teórico-metodológico que nos obriga a ampliar nossa compreensão sobre as práticas de pesquisa. Para reconhecer as crianças como sujeitos e atores sociais, é essencial adotar uma abordagem de pesquisa com crianças, e não sobre crianças. Essa postura exige que o pesquisador desenvolva metodologias focadas nas vozes, perspectivas e pontos de vista das crianças em contextos específicos.

Nos últimos 20 anos, diversas pesquisas têm apontado a necessidade de adotar procedimentos metodológicos que valorizem as perspectivas das crianças, ouvindo o que elas têm a nos dizer e reconhecendo-as como participantes ativas em todo o processo investigativo. Esse crescimento nas pesquisas com crianças aumentou a produção de conhecimentos sobre as infâncias, além de fomentar o desenvolvimento de metodologias e procedimentos não convencionais que destacam as vozes das crianças. Esses procedimentos metodológicos, embora selecionados e utilizados por adultos, visam colher das crianças, por meio de suas vozes, o material empírico necessário para as análises epistemológicas.

Este artigo apresenta um recorte de pesquisa ancorada nos pressupostos da Sociologia da Infância que tinha por objetivo compreender como se configurava a participação de crianças de três anos em uma escola de Educação Infantil. Esta pesquisa optou por caminhos teórico-metodológicos que procuravam valorizar e reconhecer as crianças como sujeitos privilegiados nas pesquisas sobre a infância e a sua educação. Na geração dos dados foram utilizadas técnicas da etnografia, tais como observação participante, anotações em diário de campo, gravações em vídeo e grupos de interesses com as crianças. Como consequência das escolhas

metodológicas, destaco a necessidade de a pesquisadora se situar no contexto das crianças, inserindo-se nele e tornando-se não apenas parte do estudo, mas o principal instrumento de pesquisa (Sarmiento, 2003). Esse posicionamento envolve enfrentar diversas questões éticas e metodológicas, que serão discutidas ao longo do texto. O objetivo deste artigo é refletir sobre essas questões ao conduzir pesquisas com crianças pequenas, enfatizando os processos de estar com as crianças, a presença física da pesquisadora no processo de entrada no campo, aceitação, as interações com os participantes e a saída do campo.

## **2 O ENCONTRO COM AS CRIANÇAS: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES SOCIAIS**

Segundo Corsaro (2005), desenvolver pesquisa com crianças pequenas envolve alguns desafios, visto que os adultos são percebidos como poderosos e controladores pelas crianças. Sendo assim, a pesquisa com crianças impõe a necessidade de acordos entre crianças e pesquisadores. Spink (2000), afirma que o consentimento se caracteriza com um acordo inicial que firma um tipo de “contrato” acerca dos procedimentos da pesquisa. Nesse contexto, considero importante relatar como se deu o processo de permissão para estar com as crianças.

Após obter o consentimento da direção, professores, pais e responsáveis pelas crianças é chegado o maior dos desafios, receber a autorização delas, dos sujeitos da pesquisa, das coautoras do processo de investigação, as crianças. Alderson (2005), contribui nesse sentido afirmando que a autorização dos diretores, professores e responsáveis pelas crianças não é suficiente. As crianças precisam autorizar sua participação na pesquisa e isso não se dá com uma assinatura do papel.

Relato a seguir as singularidades extraídas do diário de campo das primeiras aproximações sociais com o grupo de crianças participantes da pesquisa, com a finalidade de revelar a riqueza das formas de construção de relações sociais estabelecidas entre as crianças e a pesquisadora. Sob a influência de indicações e contribuições dos estudos sociais da infância e os aportes teórico-metodológicos sobre pesquisas com crianças, me aproximei do grupo a ser estudado. No primeiro contato com as crianças, entrei na sala e sentei-me num canto e fiquei a observar, como mostra essa passagem do diário de campo:

*Hoje entro na sala do Infantil III-B pela primeira vez. O grupo estava no canto dos brinquedos (espaço adaptado da sala de repouso), tentando construir uma tenda com Tecido TNT. A professora tenta montar uma tenda, mas não tem muito sucesso. O cuidador resolve pegar duas vassouras e servir de apoio para o teto. A ideia parece dar*

*certo e as crianças parecem bem envolvidas na atividade. Além disso, a professora ia acompanhando o movimento das crianças, observando e apoiando suas ações na tentativa construir a tenda, como por exemplo, quando incluía as sugestões das crianças. Passado algum tempo, a professora anuncia a chegada do horário do lanche. As crianças constroem uma fila para lavar as mãos e seguem para o refeitório. Nesse momento, Anny direciona o olhar para mim, se aproxima e me dá um beijo no rosto e diz “tchau, Tia”. Dessa forma, tão calorosa, sou recebida no primeiro dia com as crianças.*

*(Diário de campo, 24/10/2018)*

Durante os primeiros dias busquei construir a estratégia “reativa”, proposta por Corsaro (2009), de permanecer em espaços onde as crianças estão e só reagir quando elas se aproximassem, a participação periférica. E logo elas começaram a reagir à minha presença. Observando e me deixando ser observada. As crianças foram se achegando, cada uma encontrava uma forma diferente de se aproximar de mim. Algumas buscam proximidade social através de sorrisos, outras se aproximavam escolhendo sentarem-se ao meu lado na sala de referência ou no refeitório, algumas vinham me mostrar um desenho ou outra produção realizada. Algumas crianças procuram estabelecer um diálogo fazendo-me perguntas ou contando-me sobre questões familiares, em outras ocasiões mostrando brinquedos que traziam de casa ou brinquedos da escola e ainda aquelas que se achegavam fazendo um carinho no meu cabelo, dando-me um beijo no rosto ou mesmo um abraço.

As formas de aproximações construídas indicam o desejo das crianças de descobrir quem era aquele estranho que adentrava em suas rotinas e as formas de busca de proximidade social revelam estratégias convidativas a situações interativas e expressam “boas-vindas” ao pesquisador, e aos poucos, foram me dando sinais de que estava sendo aceita no grupo. Nesse contexto, destaco as crianças como sujeitos plurais que se mostravam de diversas formas, expressando múltiplas relações sociais.

Outras formas de aproximação foram sendo construídas. Algumas crianças me olhavam, olhares fixos, às vezes por longos momentos, acompanhando e participando de todos os acontecimentos. A partir dessa percepção, busquei me relacionar com essas crianças cujas vozes não eram direcionadas no intuito de estabelecer um contato comigo, mas que o olhar expressava outra linguagem de estabelecer uma proximidade social. Esta era a maneira que Victor Hugo se comunicava comigo. Por diversos momentos, o menino preferiu manter-se em silêncio, porém fixando o olhar por longos momentos. Até certo dia, ele resolveu romper o silêncio, como mostra esta passagem do diário de campo:

*Estou sentada no chão escrevendo no diário de campo, sentada no cantinho dos brinquedos, observando como crianças estão brincando. paro de registrar e sigo em direção ao olhar atento de Victor Hugo. Olhamo-nos durante alguns minutos (.). Quando então, o menino se aproxima e me oferece um brinquedo. Na tentativa de estabelecer o primeiro contato, procuro iniciar um diálogo sobre o objeto oferecido perguntando qual o nome do boneco. O menino balança a cabeça expressando que não sabe. Ele se afasta (.). Vai em direção à caixa de brinquedos no chão, apanha outro boneco e se aproximando de mim, me oferece o brinquedo e eu pergunto: Qual o nome deste? Com um sorriso desconfiado no canto da boca, ele responde: Panda.*

*(Diário de campo, 05 de novembro de /2018).*

No dia seguinte ao primeiro contato com o menino, percebo Victor Hugo olhando fixamente para mim. Dessa vez, ele se aproxima e pergunta:

*Victor: Quem é você?*

*Pesquisadora: Eu me chamo (NOME).*

*Victor: Quem é você aqui dentro da sala?*

*O menino se afasta um pouco. Eu o chamo para mais perto.*

*Pesquisadora: Vem aqui...*

*O menino se aproxima e eu respondo:*

*Pesquisadora: Eu vou ficar aqui por um tempo na sua sala participando de tudo.*

*O menino já saindo de perto de mim e muito desconfiado comenta:*

*Victor: Entendi.*

*(Diário de Campo, 06 de novembro de 2018)*

Durante as primeiras semanas, enquanto eu as observava, as crianças também me observavam e tentavam descobrir quem eu era, perguntando o que eu estava fazendo e porque estava na escola. Nesses primeiros contatos com as crianças, percebo que quando adentramos no campo para observar, somos igualmente observados. Na pesquisa etnográfica, o trabalho do etnógrafo é do mesmo modo, foco de observação pelos sujeitos investigados (Ferreira, 2002). Ao mesmo tempo em que desejamos conhecer o outro, adentrar em seus cotidianos, somos também observados, investigados, estabelecendo uma relação de interação

entre pesquisadora e sujeitos.

Ao longo da pesquisa, procurei me dirigir às crianças com base em algumas orientações de pesquisadores da área, como me abaixar e ficar na altura das crianças e ao falar utilizar termos simples para explicar o que pretendia fazer ali. Optei por me aproximar de alguns grupos que se formavam, acompanhando-os nas suas ações de perto, mas sem interferir diretamente, observando o que faziam e diziam através de suas diversas linguagens. Busquei estratégias cuidadosas para adentrar nas rotinas dos sujeitos investigados, participando das atividades quando convidada ou adotando uma postura de quem respeitosamente solicita a permissão para participar de suas rotinas, não sendo invasiva, com o objetivo de evitar desconforto ao grupo.

Utilizei apenas o diário de campo e uma caneta para registro das observações. Procurava utilizar este instrumento em todos os espaços da escola aonde ia para acompanhar as crianças, no parquinho, na sala de referência, no refeitório, dentre outros ambientes. O registro no diário de campo chamou muito a atenção das crianças. O interesse das crianças pelas minhas anotações se tornou uma forma de estreitar nossas relações, elas se aproximavam e curiosas perguntavam o que eu escrevia, como mostra esta passagem do diário de campo a seguir:

*Estou sentada junto a um grupo de crianças fazendo anotações no diário de campo quando Stefany se aproxima e pergunta:*

*Stefany: O que você tá escrevendo no seu caderno?*

*Pesquisadora: Estou escrevendo sobre vocês.*

*Stefany: Escrevendo o quê?*

*Pesquisadora: Estou escrevendo sobre a atividade que vocês estão fazendo aqui na sala com a Tia S.*

*(Diário de Campo, 05 de novembro de 2018)*

As crianças perguntavam sobre o caderno, eu as informava que o utilizava para anotar tudo aquilo que elas faziam, do que brincavam, o que a professora fazia com elas, dentre outras coisas. No decorrer do tempo, as crianças foram reconhecendo a finalidade do caderno. Algumas crianças começaram a se “apropriar” dele, pediam para escrever, desenhar, registrar o nome, dentre outras atividades.

As crianças expressavam grande desejo em participar da pesquisa deixando

seus registros no diário de campo. Nesse movimento de aproximação e registros no diário de campo, as crianças coparticipavam da construção das informações da pesquisa. Nesse processo, no diário, já não havia apenas registros meus, mas um conjunto de notas, uma construção coletiva de impressões, observações, garatujas e desenhos, proporcionando uma relação de interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

No decorrer das primeiras aproximações, uma das minhas maiores preocupações tanto no início quanto no decorrer da pesquisa era estar sempre atenta às manifestações das crianças, às formas como elas reagiriam à minha presença, demonstrando aceitação e ou recusa em participar da pesquisa, especialmente por se tratar de uma pesquisa munida de indicações e contribuições de metodologias participativas.

Nessa trajetória, me lancei a um profundo desafio para apreender as linguagens das crianças, que no dia a dia se mostravam muito diferentes aos meus olhos, com múltiplas expressões, manifestações e com um desejo muito claro: serem descobertas e respeitadas em todas as suas particularidades.

Durante o período de observação, as crianças não demonstraram nenhum tipo de constrangimento à minha presença, apenas olhares atentos, na tentativa de me conhecer e saber o que eu estava fazendo ali. Dia após dia as relações se fortaleciam e sentia-me acolhida pelas crianças ao me convidarem para participar das diversas atividades travadas no cotidiano da educação infantil, procurando me incluir em seus contextos, comprovando a construção de relações de confiança e de afetividade.

## **2.1 A Saída do campo: A experiência de teorizar o vivido e o compartilhar das aprendizagens com as crianças**

*Volto à escola com o intuito de dar um retorno às crianças acerca da pesquisa. Chego à sala, cumprimento as crianças e sou recebida por Stefany com um forte abraço:*

*Stefany: Tia, por que você não vem todo dia?*

*Sorrindo respondo:*

*Pesquisadora: Oi Stefany, estava com saudades.*

*Sara e Bianca também correm ao meu encontro e dizem:*

*Sara: E por que você não veio ontem?*

*Bianca: Por que você demorou tanto pra voltar?*

*Pesquisadora: Vocês lembram-se da pesquisa que nós estávamos desenvolvendo? Então, estava estudando sobre ela, analisando aquilo que construímos juntas. Aí hoje eu vim mostrar pra vocês as fotos da pesquisa...*

*Bianca me interrompe e diz:*

*Bianca: E os vídeos? Vai mostrar?*

*(Diário de Campo, 16 de julho de 2019)*

Esse diálogo, registrado no último dia de ida à escola, também foi a última nota do diário de campo, instrumento parceiro durante todo o processo da pesquisa. É também com esse diálogo que inicio a escrita do processo de saída do campo de investigação, intencionando expressar o desafio do pesquisador que adota uma perspectiva etnográfica com crianças em suas pesquisas.

Como deixar o campo de pesquisa? Como dar um ponto final em um processo definido, estruturado, desenvolvido e escrito nos contornos de um determinado espaço e tempo que, contudo, envolve sujeitos relacionais que construíram ao longo desse processo vínculos sociais, como relações de confiança, amizade e afetividade?

O pesquisador tem o grande desafio de vivenciar intensamente todas as experiências que lhes foram permitidas em campo e em seguida trazer para o papel toda a vivência, as idas e vindas, a riqueza da experiência de entrada no campo, da constituição de laços sociais e a complexidade da saída de cena do pesquisador do campo de investigação. É preciso ter em mente que esse momento chegará e que enquanto pesquisadores estamos ali com um objetivo específico, e que devemos partir assim que esse objetivo for alcançado (Graue; Wash, 2003).

O processo de geração de dados dessa pesquisa aconteceu durante cinco meses de imersão na escola e na rotina dos sujeitos envolvidos. Após esse período percebi a necessidade de um distanciamento com a finalidade de refletir sobre os dados observados até então e ajustar o foco da pesquisa. Um tempo que se apresentava como fundamental para que o processo interpretativo avançasse, desvendando novos caminhos e novos modos de ver, fazer, analisar.

Após quatro meses de distanciamento, foi necessário refletir sobre as implicações e devolver os dados produzidos com a participação das crianças, que foram coautoras do processo de pesquisa. Fotografias, filmagens, trechos do diário

de campo e excertos de conversas precisavam ser compartilhados com elas e, além disso, era essencial solicitar novamente sua permissão para o uso dos dados. Embora essa etapa já tivesse ocorrido nas oficinas de assentimento, consideramos fundamental essa devolutiva, buscando a confirmação das crianças quanto à divulgação dos dados.

Com isso em mente, selecionei uma parte do material produzido e optei por expor fotografias e vídeos, promovendo conversas com as crianças sobre o que haviam dito nos grupos de interesse. Além de compartilhar o que havia sido registrado sobre seus universos, a intenção dessa ação foi valorizar a dimensão ética da pesquisa. Diante dos cuidados tomados ao longo do estudo para respeitar suas vontades, como no uso da câmera, julguei importante ouvi-las novamente nessa etapa final, reconhecendo e defendendo o direito das crianças de se manifestarem sobre o material empírico coletado.

Nesse processo de exposição e diálogo, as crianças demonstraram entusiasmo ao ver suas fotos e vídeos, falaram sobre as atividades que faziam na turma e das relações sociais desenvolvidas, o que foi muito oportuno para o processo interpretativo. Ao término da apresentação do material, solicitei às crianças a autorização para utilização das imagens e enfatizei que estas só seriam utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. A maioria das crianças consentiu com gestos e palavras, inclusive lembraram as oficinas de assentimento.

Após todo esse percurso, chega o momento de deixar o grupo e sair de campo. Confesso que não foi um momento fácil, nenhuma despedida é, mas necessária. Despedi-me das crianças com abraços e beijos carinhosos, com a sensação de dever cumprido, ou de ao menos ter alcançado a maior parte das expectativas, desejos e anseios que orbitavam meus pensamentos no início da pesquisa. Assim, era chegado o momento de partir, outro momento de distanciamento para que pudesse chegar a outro momento de aproximação com as crianças, não uma aproximação física, mas uma aproximação das suas ideias, linguagens e significações do mundo, a partir de suas falas, gestos e saberes.

### **3 Notas conclusivas**

Esse texto propôs refletir acerca das questões teórico-metodológicas ao conduzir pesquisas com crianças pequenas, enfatizando os processos de estar com as crianças, a presença física da pesquisadora no processo de entrada no campo, aceitação, as interações com os participantes e a saída do campo. Na experiência de pesquisa vivenciada, o processo interacional com as crianças foi efetivado, na maioria das situações, na interlocução com corporal com o toque, o



olhar, a comunicação não centrada na oralidade.

O processo dialógico entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa foi construído ao longo da investigação por meio de gestos, movimentos e atitudes que expressavam a intencionalidade e o interesse das crianças em participar efetivamente do estudo. A escuta atenta aos interesses das crianças permite ao pesquisador ganhar sua confiança e se tornar um membro do grupo, favorecendo que elas também se tornem participantes e coautoras da pesquisa.

Na experiência de pesquisa discutida neste artigo, percebe-se que a busca do diálogo com as crianças, mais do que um princípio metodológico consistiu em um princípio ético dialógico entre pesquisador e sujeitos da investigação, levando a assegurar que as vozes e as identidades desses sujeitos fossem respeitadas e evidenciadas na pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, Maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14 fev. de 2024.

CORSARO, William A. Métodos Etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças** diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 83-103.

CORSARO, William. Entrada no Campo, Aceitação e Natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 jun. de 2024.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. “- **A gente aqui o que mais gosta é de brincar com os outros meninos!**” – as crianças como atores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no cotidiano de um Jardim de Infância. 736f. Dissertação de Doutorado, Universidade do Porto, 2002.

GRAUE, Elisabeth.; WALSH, Daniel. **Investigação Etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**, 2003. Disponível em: [http://www.iec.minho.pt/cedic/textos de trabalho](http://www.iec.minho.pt/cedic/textos_de_trabalho). Acesso em: 30 de maio de 2024.

SPINK, Mary J.P. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista semestral da Faculdade de Psicologia PUC-RS**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 7-22, Jan/Jul, 2000. Acesso em: 24 jan. de 2024.

